

PERFIL: HENRY KISSINGER

*Por Albert Caballé Marimón**



O então conselheiro presidencial Henry Kissinger em junho de 1972, antes de partir em sua quarta viagem à República Popular da China. (James Palmer/AP).

Homem de confiança de Nixon e um dos diplomatas mais influentes do século XX, Kissinger exerceu enorme influência na política externa americana.

O ex-secretário de Estado Henry Kissinger, o diplomata que dominou a política externa quando os Estados Unidos deixaram o Vietnã e se aproximaram da China, morreu na quarta-feira aos 100 anos.

Com presença imponente, voz rouca e hábil manipulação do poder nos bastidores, Kissinger exerceu uma enorme influência nos assuntos globais sob os presidentes Richard Nixon e Gerald Ford, ganhando tanto detratores como um Prêmio Nobel da Paz em 1973, por seu envolvimento nas conversações destinadas a pôr fim à Guerra do Vietnã. Décadas mais tarde, seu nome ainda provoca debates apaixonados sobre marcos da política externa americana.

O poder de Kissinger cresceu durante a turbulência do caso Watergate, quando ele assumiu um papel semelhante ao de co-presidente do enfraquecido Nixon. “Sem dúvida minha vaidade foi despertada”, escreveu Kissinger mais tarde sobre sua influência. “Mas a emoção dominante foi uma premonição de catástrofe.”

Nos últimos anos Kissinger cultivou a reputação de estadista respeitado, proferindo discursos, aconselhando republicanos e democratas e administrando sua empresa de consultoria. Mas os documentos e fitas da era Nixon, à medida que

foram surgindo ao longo dos anos, trouxeram revelações – muitas, nas palavras do próprio Kissinger, que às vezes o colocaram sob uma luz pouco favorável.

Depois de deixar o governo, Kissinger foi perseguido por críticos que argumentavam que ele deveria ser chamado a prestar contas por suas políticas no Sudeste Asiático e pelo apoio aos regimes repressivos na América Latina.

Durante oito anos – primeiro como conselheiro de segurança nacional, depois como secretário de Estado e, durante algum tempo, mantendo ambos os cargos – Kissinger percorreu toda a amplitude das principais questões da política externa dos Washington. Ele conduziu a primeira “diplomacia de vaivém” na busca pela paz no Oriente Médio. Usou canais secretos para estabelecer laços entre os Estados Unidos e a China, pondo fim a décadas de isolamento. Kissinger iniciou as negociações de Paris que, em última análise, proporcionaram um meio de salvar as aparências – um “intervalo decente”, como ele chamou – para tirar os Estados Unidos da guerra no Vietnã. Conduziu uma política com a União Soviética que acabou levando a acordos de controle de armas, levantando a possibilidade de que as tensões da Guerra Fria e a ameaça nuclear talvez não tivessem que durar para sempre.

Aos 99 anos, Kissinger ainda estava em turnê lançando seu livro sobre liderança. Questionado em uma entrevista de julho de 2022 à *ABC* se gostaria de poder voltar atrás em alguma de suas decisões, Kissinger disse: “Tenho pensado sobre esses problemas durante toda a minha vida. É meu *hobby* e também minha ocupação. E assim as recomendações que fiz foram as melhores que eu era capaz de fazer na época.”

Mesmo então, ele tinha opiniões divergentes sobre o histórico de Nixon, dizendo que “sua política externa se manteve firme e ele foi bastante eficaz na política interna”, ao mesmo tempo em que admitiu que ele “se permitiu envolver-se em uma série de medidas inadequadas para um presidente.”

Questionado durante uma entrevista à *CBS* antes do seu 100º aniversário sobre aqueles que vêem a sua conduta na política externa ao longo dos anos como uma espécie de criminalidade, Kissinger foi desdenhoso: “Isso é reflexo da ignorância deles”, disse. “Não foi concebido dessa forma. Não foi conduzido dessa forma.”

Mesmo nos últimos meses, ele se encontrou com o líder chinês Xi Jinping em Pequim, em julho, quando as relações EUA-China estavam em seu ponto mais baixo. E 50 anos depois de ter ajudado a encerrar a guerra no Oriente Médio de 1973, quando Israel foi atacado pelo Egito e pela Síria, Kissinger alertou para os riscos desse conflito se repetir depois do ataque do Hamas em 7 de outubro.

Kissinger era praticante da *realpolitik* – usando a diplomacia para alcançar objetivos práticos ao invés de promover ideais elevados. Seus apoiadores dizem que sua tendência pragmática servia aos interesses dos EUA; seus críticos viam nisso uma abordagem maquiavélica que ia contra os ideais democráticos.

Ele foi criticado por autorizar escutas telefônicas de repórteres e de sua própria equipe do Conselho de Segurança Nacional em busca de vazamentos de notícias

na Casa Branca do governo Nixon. Foi denunciado pelo bombardeio e invasão do Camboja em abril de 1970, com o objetivo de destruir as linhas de abastecimento norte-vietnamitas às forças comunistas no Vietnã do Sul.

Essa “incursão”, como Nixon e Kissinger a chamaram, recebeu acusações de ter contribuído para a ascensão do regime do Khmer Vermelho, que mais tarde massacrou cerca de dois milhões de cambojanos. O chefe do Centro de Documentação independente do Camboja, Youk Chhang, descreveu o legado de Kissinger como “controverso”. “Bem mais de metade da população nasceu depois do Khmer Vermelho ter sido deposto em 1979 e Kissinger deixar o governo, por isso não há muita consciência entre os cambojanos sobre seu histórico”, disse ele.

Kissinger, por sua vez, assumiu como missão desmascarar aquilo a que ele se referiu em 2007 como um “mito predominante” – que ele e Nixon haviam concordado em 1972 com termos de paz que estavam disponíveis em 1969 e assim, portanto, prolongaram desnecessariamente a Guerra do Vietnã ao custo de dezenas de milhares de vidas americanas. Ele insistiu que a única forma de acelerar a retirada teria sido concordar com as exigências de Hanói de que os EUA derrubassem o governo sul-vietnamita e o substituíssem por uma liderança dominada pelos comunistas.

Kissinger adquiriu reputação de mulherengo. Divorciado da primeira esposa, Anneliese Fleischer, em 1964, ele chamava as mulheres de “uma diversão, um *hobby*”. Foi visto frequentemente na companhia de Jill St. John, atriz de cinema e televisão, mas mais tarde constatou-se que seu verdadeiro interesse amoroso era Nancy Maginnes, assessora do governador de Nova York, Nelson Rockefeller, recomendada pelo próprio Kissinger em 1964, quando ele era professor em Harvard e Nancy era estudante.

Em uma pesquisa de 1972 da *Playboy Club Bunnies*, o homem apelidado de “Super-K” pela *Newsweek* terminou em primeiro lugar como “o homem com quem eu mais gostaria de sair”. A explicação de Kissinger: “O poder é o afrodisíaco definitivo”.

No entanto, Kissinger foi insultado por muitos por seu trabalho diplomático em tempo de guerra. Isso continuou mesmo décadas depois: em 2015, uma aparição de Kissinger, então aos 91 anos, perante o Comitê de Serviços Armados do Senado, foi interrompida por manifestantes que exigiam sua prisão por crimes de guerra e denunciavam suas ações no Sudeste Asiático, no Chile e outros lugares.

Mais recentemente, no início de 2020, Kissinger disse que o futuro governo Biden deveria agir rapidamente para restaurar as linhas de comunicação com a China, que se desgastaram durante o governo Trump, sob o risco de que a crise se transforme em um conflito militar. “A menos que haja base para alguma ação cooperativa, o mundo cairá em uma catástrofe comparável à Primeira Guerra Mundial”, disse ele, em durante um fórum da *Bloomberg*. Então com 97 anos, ele disse à *Bloomberg News* que “o perigo é que ocorra alguma crise que vá além da retórica para um conflito militar real.”

Em julho passado, quando Kissinger surpreendeu ao visitar a China mais uma vez, foi recebido pelo presidente Xi Jinping, que lhe deu calorosas boas-vindas,

dizendo-lhe “Estou muito feliz em vê-lo, senhor”, acrescentando que “Nunca esqueceremos nossos velhos amigos e não esqueceremos suas contribuições históricas para desenvolver as relações EUA-China e a amizade entre os dois povos”.

Na ocasião, a Casa Branca enfatizou que Kissinger visitou a China na qualidade de cidadão comum.

A empresa de consultoria de Kissinger informou que Kissinger morreu em sua casa em Connecticut. Quase que imediatamente após sua morte, diversas autoridades se manifestaram. O ex-presidente George W. Bush disse que os EUA “perderam uma das vozes mais confiáveis e distintas nas relações exteriores”. O ex-prefeito de Nova York, Michael Bloomberg, disse que Kissinger foi “infinitamente generoso com a sabedoria adquirida ao longo de uma vida extraordinária”.

O atual secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, disse que Kissinger “realmente estabeleceu o padrão para todos que seguiram neste trabalho” e que foi “muito privilegiado por receber seu conselho muitas vezes, inclusive há cerca de um mês”.

Na China, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Wang Wenbin, chamou Kissinger de “velho amigo e bom amigo do povo chinês e um pioneiro e construtor das relações China-EUA”, e informou que o presidente Xi Jinping enviou mensagem de condolências ao presidente americano, Joe Biden. O primeiro-ministro chinês, Li Qiang, e o ministro das Relações Exteriores, Wang Yi, também enviaram mensagens de condolências à família de Kissinger e ao secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, respectivamente, disse Wang.

O ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair disse que “Ele foi um solucionador de problemas, seja no que diz respeito à Guerra Fria, ao Oriente Médio ou à China”.

O presidente de Israel, Isaac Herzog, disse em Tel Aviv que Kissinger “lançou a pedra angular do acordo de paz mais tarde assinado com o Egito, e de tantos outros processos em todo o mundo que admiro”.

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, disse em mensagem à esposa de Kissinger que ele era “um estadista sábio e clarividente” e que seu nome “está inextricavelmente ligado a uma linha pragmática de política externa, que ao mesmo tempo tornou possível alcançar a distensão nas tensões internacionais e alcançar os mais importantes acordos soviético-americanos que contribuíram para o fortalecimento da segurança global.”

No Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva enviou mensagem de condolências ao seu homólogo norte-americano, Joe Biden, lembrando as contribuições de Kissinger para a diplomacia norte-americana, sublinhando suas qualidades como diplomata, acadêmico e personalidade multifacetada, que marcou, como poucos, as relações internacionais nos últimos 50 anos.

O presidente francês Emmanuel Macron escreveu no X (ex-Twitter), que “Henry Kissinger foi um gigante da história. O século de suas ideias e de diplomacia teve uma influência duradoura no seu tempo e no nosso mundo.”

Na terra natal de Kissinger, a Alemanha, o chanceler Olaf Scholz também prestou homenagem ao ex-diplomata: “Seu compromisso com a amizade transatlântica entre os EUA e a Alemanha foi significativo e ele sempre permaneceu próximo da sua pátria alemã”, escreveu ele no X.

Mas nem todas as manifestações foram amigáveis. Uma manchete da revista *Rolling Stone* dizia: “Henry Kissinger, criminoso de guerra amado pela classe dominante da América, finalmente morre”.

* * *

Heinz Alfred Kissinger nasceu na cidade bávara de Fuerth em 27 de maio de 1923. Sua família deixou a Alemanha nazista em 1938 e se estabeleceu em Manhattan, Nova York, onde Heinz mudou seu nome para Henry. Kissinger teve dois filhos, Elizabeth e David, do primeiro casamento.

**Albert Caballé Marimón possui formação superior em marketing. Depois de atuar trinta e sete anos em empresas nacionais e multinacionais, dedica-se à atividade de pesquisador nas áreas de História Militar, Defesa e Geopolítica. É fotógrafo e editor do site Velho General. Já atuou na cobertura de eventos como a Feira LAAD, o Exercício CRUZEX, a Operação Acolhida, o Exercício Treme Cerrado e proferiu palestras na AFA – Academia da Força Aérea. É colaborador do USNI (US Naval Institute) e do Canal Arte da Guerra.*
